

O contexto de si: arranjos da Segunda Guerra Mundial por um praça da FEB¹

Pedro Felipe M. G. Ferrari*

Resumo: A partir das pequenas estratégias de um 3º sargento, José Gonçalves Gomes Filho, o presente trabalho tem por objeto vislumbrar a Força Expedicionária Brasileira (FRB) em campanha durante a Segunda Guerra Mundial por meio das representações por ele erguidas. Notar, portanto, suas práticas e estratégias pessoais frente ao desconhecido ao engendrar novas significações ao conflito. Por meio de uma análise micro-histórica, examinar as tramas concernentes ao indivíduo e suas relações com o macrossocial ao sabor de adaptações particulares.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial, FEB, micro-história.

Abstract: This paper's object is to descry the Brazilian Expeditionary Force (acronym in Portuguese – FRB), from the small strategies of a 3rd sergeant, called José Gonçalves Gomes Filho, in the campaign during the Second World War through representations brought about by him, observing as such his practices and strategies in the face of the unknown by engendering new significance to the conflict. It examines through a micro-historic analysis, the intrigues concerning the individual and their relationship with the macro-social environment in the light of particular adaptations.

Keywords: Second World War, FRB, micro-historic.

Introdução

Por entre as páginas do diário de José Gonçalves Gomes Filho, as dezenas de fotografias ordenadas em seu álbum ou as tantas correspondências que travara com os seus, uma história particular sobre a Segunda Guerra Mundial é contada.

Tornara-se 3º sargento do exército em janeiro de 1945. No mês seguinte já estaria em solo italiano, enviado juntamente com o 5º escalão da FEB ao teatro de guerra europeu. Os contingentes brasileiros, segundo Francisco Ferraz, representavam “as carências de toda ordem de sua sociedade”.² Formados por analfabetos, civis pobres e, não raro, doentes, seriam como pequenos simulacros dos problemas que então assolavam o conjunto social.

José Gonçalves, contudo, não se enquadra entre tais tipificações. Natural de São João Del-Rei, no interior de Minas Gerais, tinha um bom nível de escolaridade e boa saúde. Entre tantos quadros esboçados sobre as tropas brasileiras, figuraria como uma exceção, um deslize em relação ao tipo ideal esboçado acerca dos integrantes da FEB.

* Mestrando em História Cultural pela Universidade de Brasília, bolsista CAPES, é especialista em História Cultural pela referida instituição.

De toda forma, enquanto participante do esforço militar dito *nacional*, transparecem em suas práticas diversas estratégias *pessoais*; da generalização *macro*, faz-se a pluralidade do *micro*. Tal parece ser o entendimento norteador de Jaques Revel acerca do termo “excepcional normal”, forjado por Edoardo Grendi. Ao pretender tomar um rol de possibilidades de uso, partilharia de um intuito *generativo* sobre o modelo a ser construído. Ou seja, modelos que permitem integrar completamente (e não mais como exceções ou desvios) os percursos e as escolhas individuais. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que o “excepcional” se tornaria “normal”.³

Sua experiência pessoal, assim, poderia ser encarada como nuance de um modelo possível erguida por entre vivências cotidianas da guerra.

Durante sua estadia na Itália, José Gonçalves entra em contato com fragmentos do continente.

Visita, entre tantas outras paragens, Florença, uma das cidades italianas mais abaladas pela guerra. Por todo lado, prédios sucumbidos a bombardeamentos que, a despeito do vai-e-vem cotidiano que persiste por entre ruínas, lembram o conflito.⁴

Entretanto, em meio a tais registros da guerra algo sólido era erguido. O “Hotel Nationale”, tradicional pouso da cidade em tempos de paz, adaptara-se; diante de toda uma nova clientela, “foi adaptado para receber apenas soldados brasileiros que vem do ‘front’ para descansar ou então de outro lugar”.⁵ De toda a península vinham praças brasileiros para se esbarrarem em seus corredores. Conheciam-se, mostravam fotos, exibiam cartões recebidos de casa, comentavam sobre suas cidades.

Mas se a fama do hotel conseguia correr entre acampamentos da FEB de boa parte da Itália, algo entre seus muros, permeando seus quartos, deveria agradar em especial os brasileiros.

José Gonçalves tivera a oportunidade de conhecer o hotel. Visitando a cidade no dia 15 de abril, anotara em seus diários tudo o que mais lhe chamara a atenção – o que, afinal, atrairia a simpatia brasileira pelo hotel. Conta que pelas “paredes, da sala de estar e todo o hotel”, espalhavam-se cartões escritos em português. De alguma forma tais recados importaram ao olhar do praça: dentre tantos detalhes passíveis de serem registrados, escolhera logo essas curtas frases distribuídas pelas paredes do hotel.

“O único regulamento aqui é: procurar sempre ficar alegre, pois aqui vieste para esquecer suas tristezas e distrair”,⁶ podia-se ler em um dos tais cartões. Despertaria o abandono de uma postura militar. Esforço a apartar, semanticamente, o interior do hotel das ruínas lá de fora. Hospedando tantos praças brasileiros, tornava-se sólido enquanto um outro nacional que, apesar da distância, era reconstruído em meio à guerra. Como dito em outro cartão afixado no interior do hotel, “esqueça que está em guerra, os costumes aqui são idênticos em sua terra, lembre-se dela”.⁷

Costumes que transformariam a terra: as fronteiras, controladas no incerto fluir dos limites nacionais em guerra, supririam alguma carência do doméstico. Aos firmes muros e cerradas portas do hotel ainda de pé frente à cidade que desmoronava somava-se outro atributo de separação: os costumes recriados de um país distante, redimensionado em meio ao hostil. E parecia surtir efeito; muito freqüentado, o “Hotel Nationale” ficaria famoso entre as frentes brasileiras.

Pois recriar um doméstico aproximar-se-ia dos artifícios utilizados pelo hotel em Florença. Mesmo meses antes de conhecer tal hotel, o praça José Gonçalves já parecia ansiar pelo dito em seus cartões. Buscaria uma casa, a recriação de algum doméstico.

Diante do contato estabelecido no acampamento entre os praças, e nas cidades vizinhas entre militares e civis, a mistura criaria algo novo. Como reparado pelo praça, a gíria é bastante diferente da do Brasil, pois é uma miscelânea de línguas e delas saem a nossa gíria.⁸

Tal novidade seria, assim, a experiência mesma dos praças brasileiros. Vivências se misturariam; diferentes espaços confluindo, por meio dos discursos erguidos pelos militares, para tais paragens italianas. Não haveria doméstico seguro: as casas, destruídas pela guerra, e os acampamentos, recriando convívios, cruzavam-se em tantos hábitos e modos.

No turbilhão de um cotidiano deformado pelas fronteiras que não se resolviam, tantos civis e militares perdendo-se na incerteza de espaços vacilantes.

Mas, diante do que parecia, aos olhos dos visitantes, caos, algumas estratégias eram tomadas. Com o intuito de lembrar laços com o lugar de além-mar deixado para trás, o acampamento da FEB nos arredores da cidade de Staffoli recebia nomes para seus diferentes espaços. Áreas eram então definidas. Em uma delas, com o sugestivo nome de “Ponta Porã”,⁹ transcorriam algumas das instruções de armas. Em outra, a “Marajoara”,¹⁰ região mais larga,

houve, no dia 24 de junho, inspeção das tropas pelo General Mascarenhas de Moraes – comandante da Força Expedicionária Brasileira –, graduação de alguns oficiais e desfile das tropas. Na área “Caramuru”¹¹ havia um poço onde, certa feita, José Gonçalves e Paulo Emílio – colega seu de graduação militar em Minas Gerais – foram tomar um banho para se refrescarem.

Muitos eram os lugares do acampamento nomeados segundo cidades ou outras nomenclaturas do nacional tão distante. Suporiam vínculos, evocariam lembranças; o aglomerado de militares, de gírias e sotaques era, enfim, controlado. Desenhar-se-ia alguma espécie de doméstico, esboçar-se-iam formas de filiação.¹²

E o acampamento era o local ideal para tais esforços de construção. Feito entre pinheiros, em meio ao nada, era um terreno a ser domado. Eis que poderiam erguer divisões, espaços, controles do caos. Em uma foto tirada do lugar onde eram servidas as refeições no acampamento,¹³ notam-se fios elétricos improvisados pendurados nos pinheiros. Ao fundo, uma placa pregada a um caule indicando direções, nomeando lugares, criando realidades.

Tudo era estranhamente intocado e, como tal, poderia ser subvertido mais facilmente. Uma destreza que seria dificultada entre maciços muros ou paredes de uma cidade qualquer adaptada: carregaria consigo registros de um outro cotidiano, italiano, a incomodar os praças trazidos de um diverso lado do Atlântico. O acampamento seria o lugar ideal para reconstituir o país abandonado por aqueles militares.

No dia 24 de maio, José Gonçalves escrevia em seu diário que, “apesar de tão distante de nossa pátria, aqui representamos uma pequena porção d’ela”.¹⁴ Referia-se a um feriado decretado pelo comando da Força Expedicionária naquele dia. Era o dia em que, no ano de 1866, a Tríplice Aliança, formada por Brasil, Uruguai e Argentina, derrotara de modo mais traumático os exércitos de Solano Lopez na Guerra do Paraguai. Sob o ponto de vista militar, era um importante marco da história brasileira, o declínio definitivo de seus inimigos bélicos, à época, no cenário latino-americano. O praça diz que “comemoramos este tão grande dia da nossa história” como que ressaltando a identidade militar da qual então fazia parte. Afinal, um desfile fora realizado no acampamento pela manhã. Tendo as fardas muito bem arrumadas, heróis que tentavam se fazerem no presente misturavam-se a algo já glorificado. Exibiam-se ao restante da FEB ali instalada entre pinheiros nos bosques de Staffoli, todos “em forma, equipados e quase todos armados”. Uma marcha bem cadenciada demonstrava sua ordem, seu valor, sua filiação ao, segundo o pressuposto, bravo exército nacional que, setenta e nove anos

antes, vencia uma antológica batalha – um evento que teria sido testemunhado apenas pelos avós daqueles que ora desfilavam na Itália.

Mas não era apenas o marco definido pela instituição militar que destacaria tal representação da pátria distante. Uma vez determinado o feriado, tantos ocupantes de barracas, distantes daquele 24 de maio de 1866, preocupavam-se com outras celebrações pátrias.

À tarde, depois de tomar um chá servido com bolos, o praça José Gonçalves espera em sua barraca o “jogo de futebol entre a minha companhia e a 2ª Cia”. Uma hora depois a tão esperada partida começaria – diz que “o pessoal da minha companhia estava todo confiante em mais uma vitória sobre esta companhia”. Ressalta “que aliás até hoje não nos venceu”. Surgem tantas designações coletivas. Desfilam alguns “nós”, outros tantos “minha” em cada linha de suas anotações. Evidenciam, por fim, certo sentimento de pertença que parece aflorar. Com um claro tom orgulhoso, conta-nos que “o jogo correu normalmente e no fim a vitória nos foi sorrir mais uma vez de 3 x 1”.

Bem diferente do desfile ocorrido pela manhã, o jogo merece mais atenção do praça. Anota mais detalhes, entremostra mais passionalidade. Mesmo apesar de a partida ainda se valer de distinções militares – as companhias do exército – o sentido é outro; não se alicerça em representações de fatos históricos ou bravuras passadas, mas sim no dia-a-dia e no convívio que dele brota. São amigos, apesar de sargentos, cabos, soldados ou tantas outras graduações, jogando futebol.

Mesmo que explorada certa identidade militar no acampamento de Staffoli, ela não é mera repetição do que pretendiam os altos escalões da FEB. Entre as barracas, em meio às conversas e outros detalhes do cotidiano, a vivência militar ganharia sentido.

Outras vezes campeonatos esportivos são organizados pelos praças. Tudo aquilo toma grave densidade nas anotações diárias de José Gonçalves.

Em julho joga vôlei contra a 6ª Cia. do Depósito de Pessoal de Staffoli. Vence de 5 *sets* a 0. Cada um dos resultados é minuciosamente registrado: “15x0, 15x3, 15x7, 15x4 e 15x10”.¹⁵ O placar demonstra não apenas a vitória, mas também a defesa de sua própria companhia militar e, como tal, é exibido entre as páginas do diário, no cotidiano.

O valor da estadia em solo estrangeiro, mesmo apesar de tão próximo ao convívio com tantos símbolos e distinções militares, dependeria não apenas das decisões do *macro*, as

grandes estratégias do alto comando do exército, mas também das formas através das quais são apreendidas e interpretadas pelo *micro*, as práticas habituais inventadas no labor diário.

A poucos quilômetros dali, na pequena Staffoli, os militares poderiam, enfim, estender seu cotidiano. Apesar dos imóveis muros e fachadas erguidas desde antes da chegada dos contingentes da FEB, a cidade terminaria por ceder a novas formas de se portar. Entre suas estreitas ruas era oferecido, semanalmente, um baile aos sargentos do Depósito de Pessoal onde, ali perto, acampavam. Mais uma vez, hierarquias militares confundir-se-iam à lida entre os militares.

A expectativa em relação a tais festas parecia ser grande. Normalmente chegavam às 8 horas da noite e partiam de volta a suas barracas em torno de 1 hora da madrugada. Entrementes, à meia-noite servia-se uma “refeição por conta do comando da FEB”. Ficavam, como certa feita dito por José Gonçalves, “a dançar e distraíndo n’estas terras tão longínquas do meu querido Brasil”.¹⁶

Mas os horários às vezes variavam: no dia 29 de abril chega mais cedo, ainda à tarde, e lá fica até as 10 horas da noite. De toda forma, mesmo apesar da mudança de horário, todo o acontecimento social entre os graduados da Força Expedicionária repetiria os mesmos tons de saudade: “fez-me lembrar mais ainda nos bailes moças, rapazes e em todos de casa”. Entre tantas danças e sargentos, mesclar-se-iam o conflito mundial, a cidade italiana e ecos da pátria deixada no traslado Atlântico.

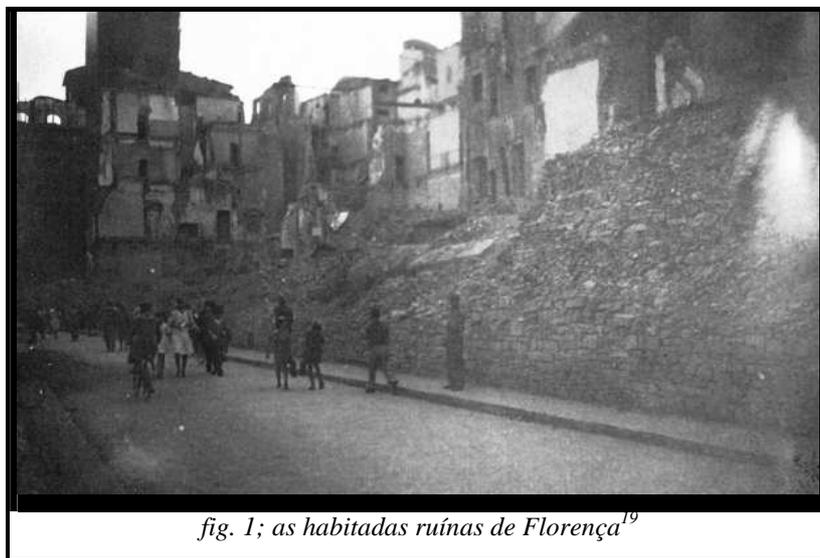
Entretanto, ao retornar às paisagens criadas no acampamento, outros lugares poderiam melhor separar as muitas visões sobre tal intercâmbio. Como na feitura de uma casa, os limites entre a alteridade e suas lembranças poderiam ser aguçados.

Pois o lugar a ser criado – o acampamento – abria-se em possibilidades para os militares que ali se instalavam. José Gonçalves, tão logo chegara a Staffoli, empenhara-se em construir sua barraca, onde juntamente com mais seis colegas recriaria um doméstico. Logo em sua primeira alvorada, tendo dormido em um alojamento provisório, ele e seus amigos foram dispensados da formatura, “iniciando assim a preparar para transportar nossa barraca para *formar* a rua Duque de Caxias”.¹⁷ Enquanto prática do espaço, a rua seria formada segundo a vontade daqueles que a habitavam, não o inverso – indício da maleabilidade das formas de convívio erigidas no acampamento. Uma vez tendo limpado o terreno e sustentado

a lona sobre a armação de metal, ocuparia um espaço específico. Teria, enfim, um endereço, uma espécie de residência: rua Duque de Caxias, barraca 26.

Tão logo estejam delimitados os limites da casa, faz-se o grupo que nela habita. Dois meses depois, no dia 7 de maio, rascunha uma lista daqueles que convivem em seu interior: “Paulo Emílio Monteiro de Castro, Fransisco Gouveia Filho, Álvaro Delcídio Ribeiro, Pedro Fontoura Pires, José Gonçalves Gomes filho (eu)”.¹⁸ Apesar da preocupação em se registrar os nomes completos, faltam-lhe outros detalhes que destacariam a comunidade. Assim, entre parênteses, anota serem “todos monitores”. Mas não seria o suficiente: tal discriminação diria respeito apenas à movediça identidade militar. Afinal, foram vertidos em sargentos para a guerra; eram também filhos, irmãos, noivos. E, ao final da lista, encerra: “sendo que apenas o Fontoura não é do CRFG”. Tal Centro Regional de Formação de Graduados (CRFG) fora montado em Minas Gerais com a finalidade de prover a FEB de militares postulados: carregaria o peso do além-mar, da regionalização nacional. Eram todos, à exceção do sargento Fontoura – como lembrado nos diários do praça –, mineiros.

A barraca 26 posta à rua Duque de Caxias do acampamento militar de Staffoli também possuiria vivências próprias espacializadas entre suas lonas. Aos olhos de José Gonçalves, conviria também anotar em seu diário os nomes daqueles que foram enviados ao combate.



Rua Duque de Caxias, 26

Já demos para o “front”, esta barraca, quatro sargentos, que são: 2º sgt. José Amaral, 3º sgt. Adolfo, 3º sgt. Euber Queiroz, 3º sgt. Francisco Melo Pádua.

Falham os nomes inteiros. Já não estavam mais à presença do praça para que dissessem todos seus sobrenomes. E não os lembrava, afinal se tratavam de modo informal e tantos prenomes pareceriam importantes apenas para o registro em anais.

Contudo, a barraca 26 teria uma história, posto que territorializada, e pretendia legá-la à posteridade por meio de seu diário. Era militar – todos monitores de armas e sargentos –, brasileira – em sua maioria composta por mineiros – e honrada – contribuíra com quatro sargentos à causa da guerra, ao front. Figurava, pois, algo do qual se orgulhar.

Era ainda em seu interior que grande parte do cotidiano em solo italiano seria arquitetado. Ao endereço no acampamento são atribuídas funções de casa: no dia 20 de março recebe a visita de alguns amigos de Minas Gerais que também estavam escalados em solo italiano. Fontoura, o sargento que não participara de tal grupo do CRFG, prepara um café para o grupo. Conversavam e conheciam novos colegas, outros militares vindos não só de diferentes regiões do Brasil, mas também de outras barracas de Staffoli.

Sete dias depois outras visitas foram recebidas: dois velhos conhecidos do pouso militar no Rio de Janeiro, Ary e Lúcio. Com o intuito de fazer as lisonjas aos visitantes, os praças da barraca 26 adiaram seus planos para a noite. Não saíram como estava combinado.

Não raro, em alguma barraca era promovida alguma distração um tanto diferente. Por vezes, e em grande parte entre os animados vizinhos do número 27, algum show era organizado. Alguns instrumentos e logo se amontoavam sargentos, cabos e tenentes na vizinhança “a ouvir um chorinho de um conjunto que os soldados arrumaram”.²⁰

Estavam instalados. Com endereço certo, compunham um grupo cuidadosamente marcado no espaço. Apesar de ser a rua Duque de Caxias, dividindo espaço com tantos outros espaços nomeados do acampamento, pouco tinha de militar: era onde recebiam colegas servindo um quente café, entretinham visitas. A outros grupos José Gonçalves atribuía algumas características: na barraca 10, seu primo Pireto e seu colega Pitinga; na 27, alguns soldados sempre prontos para um sarau.

Marcava-se, enfim, um doméstico apesar da guerra. Um lugar espacializando o convívio com seus colegas e onde estaria seguro “nestas paragens, onde se *mora* apenas entre

uma barraca de lona separando-nos dos pinheiros e das cigarras”;²¹ separação não apenas do bosque de Staffoli, mas também da guerra que lá fora transcorria.

É onde sentidos seriam expressos. No dia 13 de abril, ao voltar das instruções de armas ministradas aos soldados pela manhã,²² soube por seus colegas que fora encontrado um escorpião entre as camas. De alguma forma o exterior teria vencido a lona e penetrado em seu alojamento. Logo se punham a revirar os colchões, mochilas e tudo que ora poderia servir como esconderijo ao animal. Apesar da limpeza da barraca, “melhorando-a muito”,²³ não o encontraram. Segue ao almoço e, depois, às outras instruções do dia.

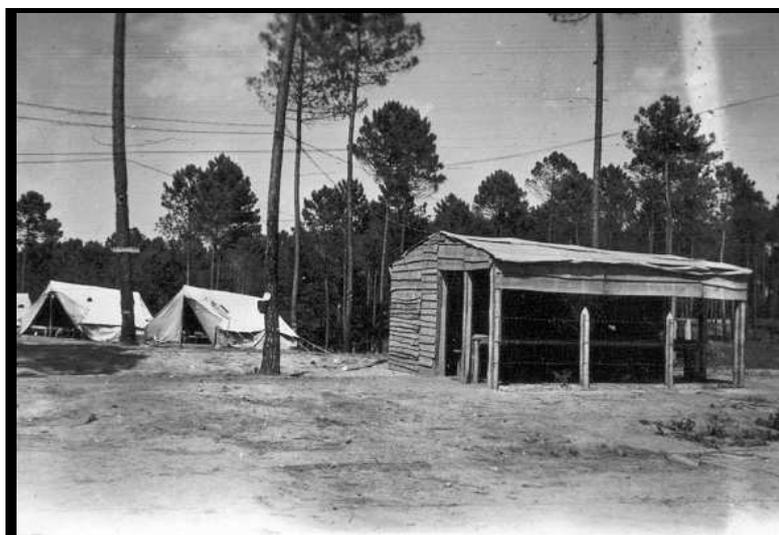


fig. 2; no acampamento, as adaptações do bosque para os novos fins militares (AlbF)

Mais tarde, já no início da noite ao retornar à barraca, deita. Sente como que um escorpião passando pelo seu braço descoberto; “levando um grande susto, salto da cama jogando-o longe”.²⁴ E revira a barraca mais uma vez. Levanta seus lençóis, os quais já estavam arrumados, na esperança de encontrar o animal e proteger-se de sua peçonha. Novamente nada encontra. É assim que se põe a dormir, “com um pressentimento de por ventura, à noite, ser ferroadado por ele”. A despeito das anotações sobre o andamento da guerra que mais cedo fizera em seus diários – a passagem pelo rio Elba pelas tropas americanas, aproximando-se cerca de 60 milhas de Berlim, e até mesmo a morte, na véspera, do presidente Roosevelt, que ele mesmo caracteriza como “perda mui grande dos americanos e da democracia” –, quando fecha seu diário dizendo estar “esperando amanhã voltar a escrever

sem nada ter acontecido”²⁵ parece referir-se ao escorpião que ronda, não à guerra que se desenrola.

Ao conflito não seria permitida a entrada em sua barraca. Ficaria lá fora, junto às cigarras e aos pinheiros, isolado pela lona. Dentro, pequenos quiproquós cotidianos e toda sorte de manipulações do doméstico.

Certa vez diz ter feito, “eu e o sgt. Amaral, uma mesa para todos da barraca poderem escrever melhor”.²⁶ Melhorias executadas por dois a serem desfrutadas por todos, pela comunidade que ali era inventada.

Parece decorar a casa que constrói não apenas fisicamente, mas também de forma simbólica; um simulacro de país. Propiciaria certo conforto ao recostar-se diariamente, após as instrutorias ministradas, para rabiscar algumas palavras.

Pois escrever – os diários ou alguma das tantas cartas enviadas para casa – teria um significado especial em tempos de guerra. Ora admite ser no diário “onde guardo minhas horas amargas”,²⁷ como modo de empurrar incômodos para o distante da memória. Mais à frente descreve um desses momentos. Diz estar

na barraca 26, assentado em minha cama [enquanto] escrevia na mesa improvisada com dois caixotes, nos quais vieram víveres para nossa alimentação aqui neste acampamento, escrevia, com o pensamento nos meus que tão longe deixei...²⁸

A barraca seria de grande importância para o praça. Repete, sem perceber, o verbo “escrevia”: a frase, ainda que confusa, faz-se eloqüente por meio de seu próprio erro. Valorizaria a escrita como modo de lembrança, de desabafar; enfim, de guardar as tais “horas amargas”. Relembraria de seus familiares enquanto a caneta arrastava-se sobre o papel – lembranças afloradas nas reticências postas ao final da frase, enfatizando a saudade e refletidas após lembrar-se “que tão longe deixei”. Sempre o ato tomado em torno da imagem da barraca, da segurança que inspiraria – tudo tendo ocorrido às 10 horas da manhã, “aproximadamente, enquanto as cigarras nos pinheiros do nosso acampamento faziam seu barulho incessante”.²⁹ Estaria separado do novo continente hostil, exposto lá fora, oculto aos olhos do praça que escreve. E, de alguma forma, mais próximo de tudo o que deixara no além-mar.

Contudo, para tanto não apenas o sólido revestimento da barraca bastaria.

Joel Silveira, jornalista em visita às tropas da FEB em solo italiano, observara os alojamentos de algumas enfermeiras brasileiras a poucos quilômetros das linhas de combate. Decoradas com pequenas recordações compradas nas cidades italianas como Florença ou Roma, tornam-se “claras e mornas como pequenos lares suburbanos”.³⁰ São expostos bibelôs, pequenas cortinas brancas, toalhas bordadas e toda sorte de miudezas graciosas. Conta que vira até um divã vermelho conseguido em algum belchior; seriam todos formas de esmiuçar um lar apesar da distância física imposta entre si e suas cidades. Arquitetariam, portanto, também a separação em relação à guerra na qual eram atiradas.³¹

Pois a barraca de José Gonçalves da mesma forma possuiria seus símbolos. Tão logo instalados, os sargentos do número 26 da rua Duque de Caxias os providenciariam sem demora.

Desenhada na lona, a silhueta da praia de Copacabana, um cartão-postal transformado em espécie de quadro que inspiraria suspiros diante do continente deixado para trás.

Mas eram todos – ou quase todos – mineiros; e a região era representada em um mapa esboçado no interior da barraca, dividindo espaço com o cenário carioca. Sobre o símbolo cartográfico, as cidades de cada sargento hospedado na comunidade da barraca: Varginha, Passos, Caxambu, Recreio, Cácia, São João del-Rei. Entretanto havia no grupo um fluminense, o sargento Madeira, mas “este passamos para o nosso estado, para a cidade de Uberaba”.³² A identidade mineira da barraca estaria regimentada, mesmo apesar de nem todos terem vindo de lá, e exibida àqueles que a visitavam e aos próprios praças enquanto escreviam cartões para casa sobre a improvisada mesa de caixotes – lembraria laços nacionais.

Todavia, outro símbolo somava-se ao mural. Sobreposta à praia de Copacabana, “u’a artista de cinema de ‘mailot’”³³ somaria à cena ares mais cosmopolitas. Talvez se lembrando de algum filme norte-americano em especial, como “A ilha do arco-íris”, exibido aos praças poucos dias antes.

Os habitantes da rua Duque de Caxias, número 26 estariam, enfim, separados do conflito por uma nova fronteira proposta à incerteza da guerra. Finalmente em segurança, em casa.

Texto e contexto: recortes de mensagens

As barracas mais à frente das linhas brasileiras enfeitavam-se com recortes. Em muitos deles, panfletos chamuscados e de bordas amareladas por pólvora exibindo desenhos sensuais.

Mulheres com cabelos muito bem arrumados, faces maquiadas e pernas ousadamente expostas, as tais “pin-up girls” eram traçadas a cores em pena muito delicada; por vezes eram colocadas em situações pitorescas, despertadoras de fetiches. Por fim, postas à vista penduradas nas paredes de quartéis, em quartos de hotel ou pregadas às lonas de acampamentos.

Das linhas alemãs vinham projéteis que despejavam sobre as concentrações brasileiras tais papéis. Uma vez tendo explodido no ar, espalhavam uma chuva colorida de folhetos sobre o cinza da guerra. Eram mensagens do inimigo. Juntamente com as convidativas gravuras, frases escritas no mais correto português falavam aos militares brasileiros sobre rendição desencorajando-os a permanecer no conflito.

Joel Silveira lera um de tais panfletos. Sua mensagem era muito direta:

*Quando vocês verão isso de novo? Não morram idiotamente na guerra. Entreguem-se às patrulhas alemãs e venham descansar nos nossos campos de prisioneiros, onde há boa comida e bom tratamento.*³⁴

Papéis semelhantes, escritos em inglês, coloriam também os céus das frentes americanas e britânicas. Propunham ao mesmo tempo uma versão daquilo que fora deixado para trás, na pátria, e a solução para o fim daqueles tenebrosos tempos de guerra: a rendição.

Mas tais mensagens não ficariam impunes. Uma vez rasgadas as legendas desencorajadoras, as frases intimidadoras, sobriam apenas lembranças de casa – os desenhos sensuais das “pin-up girls”. Assim povoariam o universo cotidiano dos soldados: por todo lado elas estariam presentes e, em função de um mero recorte, o material de guerras psicológicas era vertido em componentes do doméstico de soldados. Domado o impulso destrutivo do inimigo, o conforto das linhas da FEB estaria garantido.

Ainda que no afastado, em comparação ao front do norte italiano, acampamento de Staffoli, o praça José Gonçalves parece compartilhar as mesmas estratégias. Ao comentar que colara no interior de sua barraca o retrato de “u’a artista de cinema de ‘mailot’”, parece remeter às mesmas “pin-up girls”, ainda que adaptando sua designação, traduzindo-a segundo algum dos filmes em que vira Dorothy Lamour ou alguma outra atriz americana expando suas longas pernas em atrevidos números musicais. Estaria ali, à mostra entre a praia de Copacabana e o mapa de Minas Gerais. Contudo, é claro, apartada de toda e qualquer mensagem inimiga que por ventura viesse a desestabilizar o conforto de sua barraca. Esta

provavelmente estaria rasgada ou amassada em algum perdido lugar da Itália. O recorte imposto às mensagens subverteria seus sentidos.³⁵

Estariam os soldados brasileiros motivados por outras mensagens. Ao final de seu álbum das fotografias tiradas em solo italiano, José Gonçalves colara um outro recorte – uma mensagem que permaneceria cuidadosamente guardada durante sua estadia em solo estrangeiro e que, uma vez retornado a seu país, perseveraria entre suas lembranças. Era uma página do “Stars and Stripes”,³⁶ jornal publicado pelo exército americano, que mostrava a foto de como um militar aliado fora tratado nos tais campos de concentração alemães. Subnutrido e recostado, somava-se ao texto:

*a este soldado americano, resgatado de um campo de concentração alemão em Limburg, Alemanha, tinha sido permitida uma dieta de uma fatia de pão e um prato de sopa por dia, a sopa era composta por ervilhas secas e batatas cozidas e não-descascadas.*³⁷



Era uma guerra travada dos dois lados. Ao rasgar o trecho do

de informação da fronteira. jornal, parte de

seu título fora perdido. Contudo a frase ainda pode ser lida: “[você] acredita em atrocidades?”³⁸ A pergunta questiona os praças sobre sua crença no que é dito entre as linhas amigas; indício de que as mensagens eram, muitas vezes, questionadas, rasgadas de seu contexto por aqueles que as liam.

Em outros papéis jogados pelos alemães sobre as tropas aliadas, por vezes os argumentos são mais articulados e esmiuçados.

Em um de tais panfletos, questiona-se a participação brasileira no conflito. Valendo-se de grandes generalizações ao retratar o Brasil, questiona-se o próprio esforço de guerra:

*porque é que vocês abandonaram a vossa terra, cheia de sol e radiante, e combatem agora aqui na neblina, na lama e imundície, esperando o inverno horrível, com as suas tempestades de neve e as intermináveis avalanches de neve?*³⁹

Afinal, como dito pelo mesmo folheto, “o corpo esburacado pelas balas ou uma sepultura na Itália sempre deveriam ser melhor pagos”.

De um lado, novamente o apelo ao que fora deixado do outro lado do Atlântico – contudo, as encantadoras “pin-up girls” eram substituídas por uma terra “cheia de sol e radiante”; de outro, o perigo e o desconforto da guerra.

Mas o próprio folhetim inimigo proporia uma solução. Diz que:

soldados de vossas fileiras encontram-se agora junto de nós. Estão fora dessa barafunda em que ainda há poucas horas se encontravam convosco e onde combatiam a vosso lado. Agora um sorriso lhes invade o rosto, pois seguem para um acampamento e aí, tranqüilos e bem seguros, aguardam o fim da guerra.

Parece tentador. Segue contando que tais prisioneiros:

notaram logo que aqui não se desconsidera nenhuma nação e nenhuma raça, e que todos os prisioneiros de guerra gozam do mesmo tratamento correcto. Boa comida, [...] numa palavra: tudo o que lhes cabe segundo os tratados internacionais.

Concluindo a dissertação, apela para que “acreditem nestas palavras, pensem sobre o assunto e procedam em conformidade”. Acreditar seria o mote principal: de alguma forma a mensagem seria destacada de seu contexto, remanejada por outros discursos. Diante de relatos como o do jornal americano mostrando maus-tratos aos prisioneiros aliados, seria reinterpretada. Crer seria, por fim, tarefa perigosa diante de tais oscilações fronteiriças e interesses antagônicos.⁴⁰

Pois, uma vez entendido como ficção inimiga, o panfleto alemão seria finalmente descartado. A exemplo de outros panfletos, teriam seus sentidos recortados, esquartejados. Mas, ao contrário das coloridas “pin-up girls”, nada haveria a ser aproveitado – como enfeite em barracas ou outras subversões. Seriam, enfim, esquecidos.

Mas não eram apenas as tropas alemãs que teriam sua propaganda militar; o exército brasileiro não ficara atrás. De toda forma, os argumentos eram outros. Exploravam em seus textos o fato de a Alemanha já estar perdendo a guerra. No mais correto alemão, dialogavam com um país que sofria diretamente com o conflito: “você continuam lutando, mas sabem que cada dia de guerra significa novas destruições para o seu país, novos perigos e sofrimentos para suas famílias”.⁴¹ Dizia, ainda, *que os únicos interessados na prolongação da guerra são os chefes do Partido que querem a qualquer preço adiar as conseqüências que a derrota nazista inevitavelmente trará para eles.*

Entretanto concluía os argumentos com conclusões semelhantes às da propaganda alemã: *Lembrem-se que os seus querem vocês de volta - vivos! Lembre-se também que só existe um caminho seguro para casa - através da prisão aliada!*

William Waack⁴² traz o relato de Wilhelm Husem, cabo do esquadrão de reconhecimento da 232ª companhia alemã que combatia a FEB em solo italiano. Conta o militar nazista que dois soldados, pais de família em seu país, a todo momento discutiam sobre como se livrarem, vivos, da guerra. Diante das lembranças do que deixaram para trás na Alemanha, as palavras dos panfletos brasileiros teriam surtido efeito. Conta o cabo que eles chegaram à conclusão de que o melhor jeito seria desertar para o lado brasileiro, pois os brasileiros tinham a fama de tratar bem seus prisioneiros, não deveriam ser como os russos.

Certa noite, sorrateiros, os dois tentaram alcançar o outro lado, no entanto foram capturados por uma patrulha alemã. Fuzilados como desertores.

Em outro episódio, veteranos capitães da artilharia nazista narram como soldados brasileiros chegaram a disparar para o alto a fim de evitar que a população italiana agredisse os soldados alemães prisioneiros em marcha por suas cidades.⁴³

Algumas dessas histórias corriam as frentes alemãs. Reforçariam as mensagens brasileiras voltadas ao inimigo e, com o decorrer da guerra, provocariam a rendição de grandes contingentes nazistas aos praças da FEB.

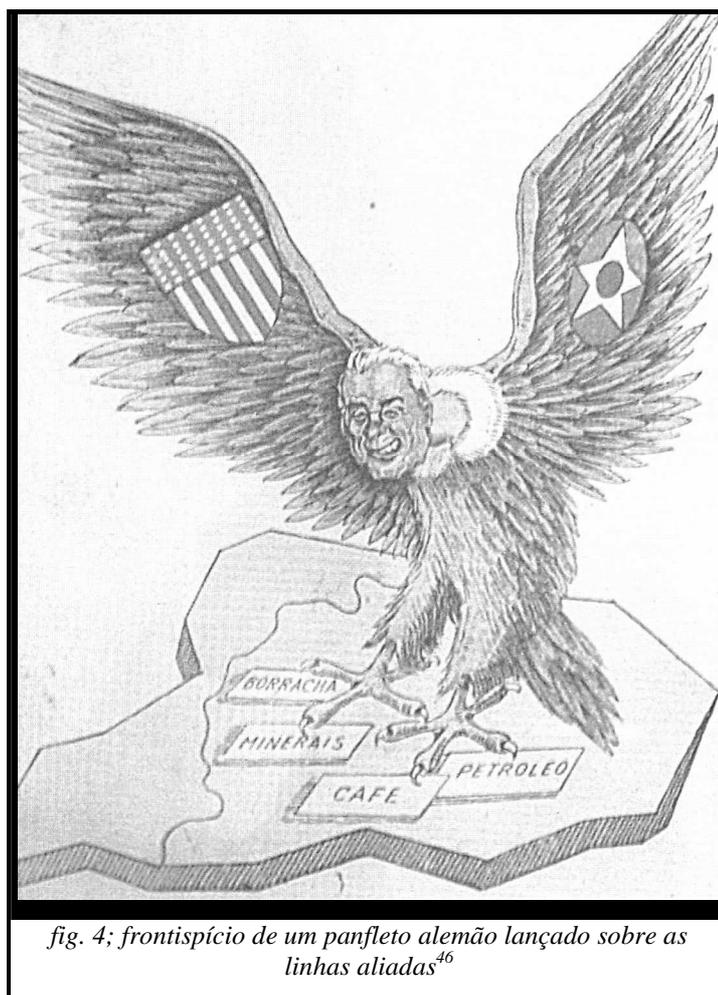
Longe das grandes decisões de marechais, o conflito tomaria para si outros tons. Em guerras de informação, lidavam com indivíduos e seus anseios, suas saudades e desprazeres. Tentando o convencimento da capitulação, dialogavam com pequenos detalhes que passariam despercebidos em mapas de deslocamento ou relatórios de sucessos e reveses.

Eis que não passariam impunes à leitura. Seriam reinterpretados e reconfigurados segundo os desejos daqueles que os lêem. Escrutinar tais pegadas seria uma forma de encarar a vida que transcorreria apesar da guerra – seus desejos e modos de pensar.

Logo em seu primeiro dia no acampamento aliado de Staffoli, José Gonçalves entrara em contato com aquilo que seria os dizeres de um desses panfletos despejados pelas tropas alemãs. Alguém lhe contou que, alguns dias antes, aviões inimigos sobrevoaram as barracas jogando boletins elogiando a bravura dos soldados brasileiros. Segundo seu interlocutor, estava escrito em tais folhetins que “o soldado brasileiro ou é o melhor do mundo, ou então é um bando de louco”. Diriam os alemães, ainda, “que apenas estão lutando com duas infantarias, que são: o brasileiro em primeiro lugar e em segundo lugar o russo”.⁴⁴

Entretanto, a mera glorificação do inimigo estaria longe de ser o objetivo daquela guerra de informação.

Há, contudo, um panfleto em especial que mereceria atenção.⁴⁵ Despejado muitas vezes de aeroplanos alemães, trazia em seu frontispício uma caricatura de Franklin Delano Roosevelt, presidente norte-americano. Incorporado em um corpo de águia, com um malicioso sorriso e asas estendidas de modo assustador, esgueirava suas garras sobre o mapa brasileiro. Roubava-lhe a borracha, minerais, café e petróleo, essas especialidades de setor primário do país. No verso do folhetim, uma forma muito peculiar de se encarar a participação brasileira na guerra. Encadeada em perguntas bem marcadas com interrogações e respostas calorosamente propostas por eloqüentes pontos de exclamação, a linha de raciocínio buscava criar um outro inimigo aos praças da FEB:



*Brasileiros, vocês já pensaram porque é que os americanos vos pagam tão bem?
É para vos levar no pacote!
Porque é que querem levar-vos no pacote?
Para afastar do Brasil os seus melhores soldados!
Porque é que querem afastar os melhores soldados do Brasil?
Para que vocês não possam mais defender a vossa pátria dentro do Brasil!
Quem ameaça as fronteiras brasileiras?
O inimigo que já se encontra lá!
Quem é o verdadeiro inimigo do país?
É o americano imperialista que quer fazer do Brasil uma colônia!*⁴⁷

Apesar do intuito inicial da mensagem nazista – desestimular o auxílio brasileiro às tropas americanas –, talvez resida em tal texto o solo sobre o qual fora erguido a suposta exaltação dos praças da FEB por parte do inimigo e que chegara enquanto boato aos ouvidos de José Gonçalves. “O soldado brasileiro ou é o melhor do mundo, ou então é um bando de louco”, estaria escrito no hipotético panfleto nazista. Pois o folhetim desafiador da figura de Roosevelt dizia ser o intuito primeiro dos EUA “afastar do Brasil os seus melhores soldados”.

Longe de propor tons meramente laudatórios, pretendia esboçar, antes de tudo, uma motivação para o envio de tropas brasileiras à segunda guerra mundial.

Mas a leitura teria mutilado a mensagem.

Recortando a frase de seu contexto, poderia ser entendida como o reconhecimento da bravura e honra brasileiras por parte do inimigo. É bem verdade que não é possível traçar todos os interlocutores pelos quais fora retransmitida a mensagem, mas em algum ponto de sua trajetória teria sido somada a outros textos. Seu contexto, enfim, seria reformulado. Traria consigo, ainda, a afirmativa por parte dos alemães de “que apenas estão lutando com duas infantarias, que são: o brasileiro em primeiro lugar e em segundo lugar o russo”

Famoso por sua brutalidade e violência, o front oriental geraria nos acampamentos italianos certa mitologia. Todos os dias vinham pelo rádio notícias dos avanços soviéticos sobre as tropas alemãs. Em um depoimento, o sargento nazista Rinsche teria afirmado que “para um ex-combatente de Stalingrado, como eu, a guerra na Itália eram férias”. Ao contrário do conflito tático travado entre os montes do norte da península itálica, “o russo era um combatente perigoso, a guerra na Rússia era toda dentro de trincheiras e abrigos”.⁴⁸ De uma forma ou de outra, tais visões sobre os aliados orientais teriam chegado aos ouvidos dos praças brasileiros em campanha na Itália. Ser considerado mais valoroso que a máquina de guerra russa seria, assim, uma honra.

Mutilada e transcrita por aquilo que poderia ser considerada uma pequena tradição oral, a hipotética mensagem do panfleto nazista ajudaria a desenhar imagens acerca do soldado brasileiro.

E não eram apenas com folhetos inimigos que os praças brasileiros entrariam em contato durante sua estadia em solo estrangeiro. Diariamente, após o almoço e por, aproximadamente, quarenta e cinco minutos, era transmitido um programa de rádio voltado exclusivamente para as tropas brasileiras. Era a “Rádio Auriverde” que, apesar de intitular-se “estação especial da FEB”, pertencia ao comando nazista. Em uma propaganda impressa do programa, anunciava-se: “ouça as canções da sua terra! Ouça a voz da verdade! Ouça Rádio Auriverde!”. Mais uma vez, constantes exclamações tentando impor uma ordem. No verso do panfleto surgiram as perguntas:

*Você quer saber o que acontece no Brasil? Você quer escutar música brasileira, canções da sua terra, sambas, tangos e música de dança, maxixes e modinhas?*⁴⁹

Entre uma música e outra, falsas informações sobre a guerra, difamações do governo brasileiro e outros meandros de uma guerra muito além de trincheiras.

José Gonçalves ouvira tal rádio. Conta que, certa noite, pôs-se a ouvir “uma estação alemã, alguns tangos, os quais eram muito lindos”. Sabia muito bem a procedência das provocações; tinha conhecimento que não se tratava de nenhuma “estação especial da FEB”. Assim sendo, valeria por suas músicas, exatamente tais “canções da sua terra, sambas, tangos”, como bem anunciado no verso da mídia.

Em relação à primeira proposição do panfleto, “saber o que acontece no Brasil”, abriria mão. Para tanto existiriam outras fontes. Relata, no mesmo dia, que

*na BBC ouvi várias notícias muito boas em nossa frente, como: a queda de Verona, a libertação das cidades de Turim, Milão e Gênova pelos patriotas italianos, que as libertaram, ficando assim isolados do poderio ‘nazi-fascista’.*⁵⁰

Tal outra estação estrangeira, transmitindo da Inglaterra em português, bastaria para tal finalidade.

Negaria a desmotivação tentada pelo inimigo. Tal qual com a “pin-up girl” exposta em sua barraca, retiraria os traços nazistas da mensagem e aproveitaria o restante – no caso, algumas músicas que o encorajava a voltar para casa.

Pois parece ser exatamente sobre o terreno do cotidiano que se esquivava à propaganda inimiga e tangencia lembranças de casa.

Com a guerra definida, já em junho de 1945, o acampamento de Staffoli inquietava-se. Quatro prisioneiros de guerra por lá passavam escoltados pela polícia militar da FEB. Dois oficiais alemães, capturados em uma incursão no interior da Itália, mais especificamente na cidade de Como, ao norte de Milão. Juntamente com eles, dois brasileiros também considerados inimigos de guerra pelo governo do Brasil. Chamavam-se Margarida Hirschmann e Emílio Baldino. Segundo José Gonçalves, este casal brasileiro servia de locutores em Berlim, e irradiavam para o ‘front’ brasileiro mexendo com o Brasil e com nós expedicionários para tirar a moral.⁵¹

Não estavam exatamente, como dito em seus diários, em território alemão; mas, uma vez considerados inimigos, a imagem de Berlim logo viria à tona. Afinal, a comunicação entre o alto oficialato militar e os praças ocupantes dos diversos postos da Força Expedicionária era

muito ruidosa – tais adaptações seriam, antes de tudo, formas de entender o que não lhe era explicado.

De qualquer forma, os dois prisioneiros, apesar da nacionalidade brasileira, eram considerados inimigos. E não era apenas para as linhas de frente que irradiavam propaganda inimiga: em um claro português, falavam a toda a península itálica. Eram os locutores da “Rádio Auriverde”. Apesar de não se lembrar ao momento das notas em seu diário, José Gonçalves ouvira várias vezes tais transmissões. As vozes daqueles dois, mesmo sem ater-se para tal, eram familiares ao militar.

Finda a guerra, trazidos para solo nacional, seriam, posteriormente, julgados e condenados à prisão. Considerados criminosos de guerra, teriam traído a pátria. Em sua imagem não se preveria nenhum traço daquilo que seria chamado de brasileiros.

Mas esses sentidos eram subvertidos pelos militares que participavam da guerra. Ainda naquele mesmo dia 23 de junho, depois do almoço, José Gonçalves iria ao posto da polícia militar ver mais de perto os prisioneiros. Ao vislumbrar Margarida Hirschmann, as impressões do praça são claras, apesar de tortuosas:



*fig. 5; Margarida Hirschmann aprisionada pelas tropas aliadas
(Exp)*

é uma linda mulher loira, alta, e que me deu saudade da nossa querida terra o Brasil, com suas brasileiras tão camaradas. Fez lembrar-me das cariocas... mineiras... fluminenses... que aliás, foram as mais bacanas para mim, comparando com as cariocas.⁵²

A partir da beleza, mesmo que ariana, da brasileira aprisionada, sua memória em um intrincado jogo de lembranças remete-o aos tempos em que ainda estava perto de casa. Viaja por alguns instantes pelo interior da pátria tão distante; Minas Gerais, Rio de Janeiro, Niterói. Diz ter uma simpatia especial pelas mulheres fluminenses, mas deixa claro que apenas “comparando com as cariocas”. Afinal, nada seria comparável à sua cidade mineira.

Desloca o visto referente ao eixo político, a prisão de guerra, às suas vivências individuais em solo nacional, provavelmente da época em que residia no Depósito de Pessoal militar no Rio de Janeiro. Partindo de acontecimentos importantes a manchetes, esquivava-se para suas próprias experiências junto ao país do qual lembrava.

A despeito do valor militar da prisão, inventa outros sentidos, recria mensagens de acordo com a saudade de sua pátria.

A epopéia pessoal

Entre suas experiências, José Gonçalves articula representações acerca da guerra. Tece imagens a figurar sentidos possíveis à vivência – em arranjos de fragmentos do conflito a ele revelado torna inteligível seu dia-a-dia. Partindo de uma gama conceitual que lhe era *familiar*, domestica o *estranho*, o imprevisto nas distantes terras italianas.

Eis que o nacional é evocado por entre as tramas organizadas em seu diário.

A insistência da dicotomia entre *micro* e *macro* representaria a tentativa de permanência de uma “concepção teleológica do devir, em que a humanidade, num parto trabalhoso, realizava seus fins superiores, o indivíduo era esmagado pela lei”.⁵³

Pois José Gonçalves burla tais determinações teleológicas e inventa uma realidade própria. O cotejamento intertextual forjaria um lugar no qual se situar; a partir dele o praça deixara vestígios, indícios de um contexto particular.⁵⁴ O sentido conferido à malha social residiria entre tais pistas a serem escrutinadas, pegadas muito pessoais e formas de compreensão. Espalhadas por diversas naturezas documentais, apontam para a *impressão de realidade* na qual foram tecidas. Afinal, no espaço ocupado por José Gonçalves, nada existiria para além das fronteiras de seu “eu”. Colocar-se-ia, enfim, diante da dificuldade, senão da impossibilidade, de reviver o passado tal e qual; impossibilidade que todo sujeito que lembra tem em comum com o historiador.⁵⁵

Tramaria, portanto, sua própria história por meio da memória encadeada sobre si. Diante de um todo que se revelaria de modo fragmentário, entre ditos e interditos recria concepções semânticas. Como proposto por Roger Chartier, seria necessário:

*considerar estas representações como as matrizes de discursos e de práticas diferenciadas [...] que têm por objectivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades – tanto a dos outros como a sua.*⁵⁶

A redução da escala de análise proposta ao indivíduo vertido em objeto aponta para o fortalecimento de tais nuances do trabalho historiográfico. Ao estreitar o foco em torno de tais fontes, surgem outras tramas àquelas propostas pelo discurso oficial da normalidade e do estatisticamente recorrente. Como exposto por Jacques Revel, significaria “reconhecer que uma realidade social não é a mesma dependendo do nível de análise”.⁵⁷ Enveredando por contextos compostos no entrelaçamento de fragmentos textuais, o praça ergue uma conjuntura cultural dos meandros sociais que, por vezes, pretende-se homogêneo.

Valendo-se de uma verdadeira faculdade épica da memória,⁵⁸ José Gonçalves exprime sentidos – cria e escalona sua própria história.

NOTAS:

¹ O presente artigo é fruto de uma pesquisa realizada entre os anos de 2005 e 2006 para a monografia final do curso de especialização *História Cultural: identidades, tradições, fronteiras*, oferecido pela Universidade de Brasília (UnB).

² FERRAZ, Francisco César Alves. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 44.

³ REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social”. In: *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 33.

⁴ Cf. fig. 1

⁵ Conforme anotações nos cadernos de seu diário em 15 de abril (fonte doravante grafada como *CaDr*).

⁶ Idem

⁷ Idem.

⁸ CaDr 7/março

⁹ CaDr 5/junho

¹⁰ CaDr 24/junho

¹¹ CaDr 16/maio

¹² A nomenclatura parece ser dotada do intuito em realizar uma proximidade apesar da distância. Um movimento de inteligibilidade relacionado à memória segundo o qual “urde os instantes do tempo e os hiatos da amnésia numa espécie de *filiação contínua e finalística*, em que o *eu*, reconhecendo-se [...], se actualiza permanentemente como uno e idêntico” (CATROGA, Fernando. “Memória e história” In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS, 2001. p. 51). Assim sendo, mesmo apesar da distância ao que lhes era familiar, os praças do acampamento de Staffoli, por meio da construção de um aparato *monumento-memorial* (Cf. idem, p. 49-50) no espaço, poderiam reiterar a permanência de si mesmos enquanto continuidade diacrônica no tempo. Significaria, afinal, literalmente “habitar o mundo da memória, espaço em que nos reconhecemos no já-registrado” (ZACCUR, Edwiges. “Metodologias abertas a iterações, interações e errâncias cotidianas” In: GARCIA, Regina Leite (org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 179)

¹³ Cf. fig. 2

¹⁴ CaDr 24/maio

¹⁵ CaDr 24/julho

¹⁶ CaDr 30/junho

¹⁷ CaDr 7/março (grifos meus)

¹⁸ CaDr 7/maio

¹⁹ Imagem extraída de seu álbum pessoal de fotografias (doravante grafado como *AlbF*)

²⁰ CaDr 5/junho

²¹ CaDr 27/junho (grifos meus)

²² José Gonçalves tornara-se instrutor de armas no dia 19 de março. Em seus diários, transparece o empenho em se ocupar tal cargo. Ministraria aulas aos soldados que em breve iriam ao front – ensinava-lhes o manejo do armamento e técnicas de combate. Apesar de ofício estreitamente ligado à guerra, significa a permanência no acampamento de Staffoli e a distância às linhas inimigas. Estratégia pessoal daquele 3º sargento, o sucesso nas provas de seleção garantiria a forja de um espaço doméstico em meio ao continente inóspito europeu.

²³ CaDr 13/abril

²⁴ Idem

²⁵ Idem

²⁶ CaDr 6/abril

²⁷ CaDr 7/abril

²⁸ CaDr 12/junho (grifos meus)

²⁹ Idem

³⁰ SILVEIRA, Joel. *O inverno da guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 137.

³¹ O recurso do qual se valiam os militares frente à incerteza das fronteiras em muito se assemelharia àquele percebido na cidade de Pompéia, separando José Gonçalves enquanto estudante e militar e os cartões espalhados pelo hotel em Florença propondo aos hóspedes lembrarem-se de sua terra natal. Criando fronteiras muito pessoais, os militares definiriam “dentros” e “foras” ora afastando a guerra, ora apelando a outras identidades. Assim sendo, o proposto é exatamente perceber por quais meandros tal esforço fronteiriço é executado no cotidiano militar.

³² CaDr 7/março.

-
- ³³ Idem.
- ³⁴ SILVEIRA, Joel. Op.cit. p. 36
- ³⁵ Trataria-se, portanto, de reconhecer entre emissor e receptor das mensagens um trabalho conjunto de significação e apropriação de textos. Analisar, “de um lado, a transformação das formas através das quais um texto é proposto autoriza recepções inéditas, portanto, cria novos públicos e novos usos. De outro, a partilha dos mesmos bens culturais pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade suscita a busca de novas distinções, aptas a marcar as distâncias mantidas” (CHARTIER, Roger. “O mundo como representação” In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 76-77).
- ³⁶ Cf. fig. 3
- ³⁷ Do inglês “this American soldier, rescued from a German PW camp in Limburg, Germany, had been allowed a diet of one piece of bread and one bowl of soup a day, the soup was made of dried peas and boiled unpeeled potatoes”.
- ³⁸ Do inglês “[do you] believe in atrocities?”
- ³⁹ RIBEIRO, Maria Izabel Branco (coord.). *A II Guerra Mundial: o Brasil e Monte Castelo*. São Paulo: FAAP, 2005. fig. 323
- ⁴⁰ O esforço de familiarização frente ao estranho parece, aqui, ser em muito semelhante ao ofício historiográfico. Eleonora Zicari, comentando as operações que dão suporte às investidas dos historiadores sobre o passado, aborda que “os textos são o único contexto a que temos acesso, visto que os contextos são produzidos por textos que os significam” (BRITO, Eleonora Zicari Costa de, “O campo historiográfico: entre o realismo e as representações”. In: *Revista Universitas/Face-História*, vol.1, nº1, Brasília, 2003, p. 19) Enxergando o contexto, portanto, como reunião de textos e não uma realidade dada *a priori*, as tentativas do praça José Gonçalves parecem caminhar em sentido semelhante: fundamentado em diferentes fontes que o informavam sobre tudo aquilo que não conhecia, criaria um mosaico de representações de forma a esboçar o que não lhe era próximo. Seguir tais pistas seria, portanto, compreender sua relação com a guerra que ora participava. Afinal, o texto, uma vez lido, trabalharia no sentido “de refiguração da experiência; compreender a apropriação do texto como uma mediação necessária à constituição à compreensão de si mesmo” (CHARTIER, Roger. “Introdução”. In: *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro/Lisboa: Difel/Bertrand Brasil, 1990. p. 24). Assim, o ruído entre emissor e receptor justificar-se-ia por outros textos agregados de forma a esboçar outros contextos que não aqueles previstos pela propaganda inimiga. A guerra, velada em sua totalidade, seria revelada aos praças segundo a lógica de um “saber de tipo venatório”, deduzida de um conjunto de indícios esparsos de modo a erigir uma trama verossímil (Cf. GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179).
- ⁴¹ RIBEIRO, Maria Izabel Branco (coord.). Op. cit. fig. 324.
- ⁴² WAACK, William. *As duas faces da glória*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 227.
- ⁴³ Idem. p. 227-8
- ⁴⁴ CaDr 7/março
- ⁴⁵ Cf. fig. 4
- ⁴⁶ Imagem presente em RIBEIRO, Maria Izabel Branco (coord.). *A II Guerra Mundial: o Brasil e Monte Castelo*. São Paulo: FAAP, 2005. (doravante grafado como *Exp*)
- ⁴⁷ RIBEIRO, Maria Izabel Branco (coord.). Op. cit. fig. 322.
- ⁴⁸ WAACK, William. Op.cit. p. 226.
- ⁴⁹ RIBEIRO, Maria Izabel Branco (coord.). Op. cit. fig. 321.
- ⁵⁰ CaDr 26/abril
- ⁵¹ CaDr 23/junho
- ⁵² CaDr 23/junho
- ⁵³ LORIGA, Sabina. “A biografia como problema” In: REVEL, Jacques (org.). Op.cit. p. 230
- ⁵⁴ Cf. GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.
- ⁵⁵ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. 12ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 59.
- ⁵⁶ CHARTIER, Roger. “Introdução”. In: CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro/Lisboa: Difel/Bertrand Brasil, 1990. p. 18
- ⁵⁷ REVEL, Jacques. Op. cit. p. 12.
- ⁵⁸ Cf. BOSI, Ecléa. Op.cit. p. 89-91.